

PROMOÇÃO DO HUMANO
E DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Promoção do humano e Doutrina Social da Igreja / organização de Rosana Manzini, Ronaldo Zacharias. São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Mistérios)

ISBN 978-85-349-6140-0

1. Igreja Católica – Doutrina Social 2. Justiça social – Aspectos religiosos – Cristianismo 3. Igreja e problemas sociais I. Manzini, Rosana II. Zacharias, Ronaldo III. Série

26-1569

CDD 261.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica – Doutrina social

Coleção **MINISTÉRIOS**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA. (eBook)
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.
- *Ética teológica e pandemias: entre a razão e a urgência social*, VV.AA.
- *Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*, VV.AA.
- *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*, VV.AA.
- *Ternura: uma abordagem ético-teológica*, VV.AA.
- *Formação integral: por uma cultura do cuidado*, Ronaldo Zacharias (org.)
- *Formação: desafios morais 3*, VV.AA.
- *Cultura digital e Igreja: desafios ético-pastorais*, VV.AA.
- *Promoção do humano e Doutrina Social da Igreja*, VV.AA.

Ronaldo Zacharias
Rosana Manzini
(orgs.)

PROMOÇÃO DO HUMANO E DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

Lucas Giron

Design

Julia Ahmed

Imagem

iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS-
Saceessando: paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6140-0

Índice

PREFÁCIO	7
<i>Francisco de Aquino Júnior</i>	
1. SINODALIDADE E DISCERNIMENTO SOCIAL DA IGREJA	13
<i>Emilce Cuda; Aníbal Torres</i>	
2. DEMOCRACIA: O PERIGO DE NEFASTOS RETROCESSOS	39
<i>Dom Leonardo Ulrich Steiner</i>	
3. FOME E MISÉRIA: CRIMES CONTRA A HUMANIDADE	59
<i>Dom Vicente de Paula Ferreira</i>	
4. CORRUPÇÃO: PECADO QUE NÃO SE PERDOA	81
<i>Karen Castillo Mayagoitia</i>	
5. A URGÊNCIA DE UMA ADEQUADA ANTROPOLOGIA	103
<i>Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves</i>	
6. DE ESPERANÇA EM ESPERANÇA: PARA SANAR A RETROTOPIA	117
<i>Marcial Maçaneiro</i>	
7. CHAMADOS A CUIDAR DA FRAGILIDADE	137
<i>Gloria Liliana Franco Echeverri</i>	
8. CHAMADOS A EDIFICAR UMA CULTURA DE SOLIDARIEDADE: DA LÓGICA DO DESCARTE AO ENCONTRO CUIDADOSO	157
<i>Rosana Manzini</i>	
9. O CUIDADO COMO CONDIÇÃO PARA A SUBSISTÊNCIA NUMA ERA DE FRAGILIDADES	167
<i>Eliseu Wisniewski</i>	

10. O DRAMA DA POBREZA E A DEFESA DA DIGNIDADE HUMANA: DISCERNINDO CAMINHOS DE RESISTÊNCIA NA LUTA PELO DIREITO DE VIVER	203
<i>Thales Martins dos Santos</i>	
11. CAMINHOS DE SUPERAÇÃO DA DESUMANIZAÇÃO À LUZ DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA	223
<i>Mário Marcelo Coelho</i>	
12. A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA E O PROCESSO DEMOCRÁTICO: A TENSÃO ENTRE REFORMAR E LIBERTAR	251
<i>Luiz Augusto de Mattos</i>	
13. “NO CORAÇÃO DE DEUS, OCUPAM LUGAR PREFERENCIAL OS POBRES” (Francisco, <i>Evangelii Gaudium</i> 197)	275
<i>Ronaldo Zacharias</i>	
14. DOUTRINA SOCIAL EM PARTITURAS: O APORTE CRIATIVO DO PE. ZEZINHO, SCJ	303
<i>Felipe Sardinha Bueno; Lucas Raul de Faria</i>	

PREFÁCIO

Francisco de Aquino Júnior¹

Vivemos um momento dramático na história da humanidade: aumento da pobreza e da miséria; superexploração da classe trabalhadora; crescimento da desigualdade social; violência de toda espécie e por toda parte; conflitos e guerras pelo mundo afora; genocídio do povo palestino; crimes/catástrofes socioambientais; degradação política, crise da democracia, crescimento da extrema direita fascista e de governos autoritários; facções, crime organizado e Estado paralelo; cultura da indiferença e do descarte; manipulação e instrumentalização da religião para justificar preconceitos, injustiças, violências, guerras e crimes socioambientais. E a ladainha dos “degredados filhos de Eva” vai longe... Não é nada fácil fazer um diagnóstico e uma análise da conjuntura atual.

Para o economista Ladislau Dowbor, “a verdadeira ameaça vem de uma convergência impressionante de tendências críticas, da sinergia de um conjunto de comportamentos até compreensíveis, mas profundamente irresponsáveis e frequentemente criminosos, que assolam nossa pequena espaçonave”. Para ele, dá-se a articulação de “três dinâmicas que desequilibram de maneira estrutural o desenvolvimento e a qualidade de vida no mundo”: a “dinâmica ambiental”, a “desigualdade crescente” e a “esterilização dos recursos financeiros”. Isso produz uma crise ambiental, social e econômica que se manifesta no “drama ambiental”, na “tragédia social” e no “caos financeiro”. E tudo isso se agrava ainda mais com a crise política mundial, fruto da “disritmia sistêmica”

¹ Francisco de Aquino Júnior, presbítero da diocese de Limoeiro do Norte-CE, é doutor em Teologia (Westfälische Wilhelms-Universität, Münster, Alemanha) e professor de Teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e do PPG-TEO da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

ou do “hiato profundo” entre os “avanços tecnológicos” (economia global) e nossa “capacidade de convívio civilizado” (política nacional). Tal política nos põe diante do desafio da “geração de uma nova governança”, que possa “reorientar os recursos para financiar as políticas sociais destinadas a gerar uma economia inclusiva e, também, para financiar a reconversão de processos de produção e de consumo que permitam reverter a destruição do meio ambiente”.

Em suas encíclicas *Laudato Si'* – sobre o cuidado da Casa Comum – e *Fratelli Tutti* – sobre a fraternidade e a amizade social – e em sua Exortação Apostólica *Laudate Deum* – sobre a crise climática –, Francisco aborda a crise socioambiental e político-cultural que vivemos: indica sintomas e causas, oferece aportes ético-espirituais para o discernimento dessa situação e exorta a buscar e/ou construir caminhos e formas de enfrentamento e de superação dessas crises. Em diversas ocasiões, retoma e desenvolve aspectos e desafios do contexto atual que, em sua mútua convergência e interação, põem em crise nossa civilização. Chega a descrever nosso tempo em termos de “policrise”, evocando com esse termo “a dramaticidade da conjuntura histórica que vivemos, em que convergem guerras, mudanças climáticas, problemas energéticos, epidemias, fenômenos migratórios e inovação tecnológica”. Afirma que “o cruzamento destas criticidades, que tocam contemporaneamente diferentes dimensões da vida, leva-nos a interrogar-nos sobre o destino do mundo e a nossa compreensão do mesmo”. E, fundado e impelido pela esperança cristã, desafia-nos sempre a pensar e gestar uma nova civilização.

O Concílio Vaticano II nos ajudou a compreender que “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no coração da Igreja” (GS 1). Certamente, recorda o Concílio, “a missão própria confiada por Cristo à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social: o fim

que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas desta mesma missão religiosa deriva um encargo, uma luz e uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a lei divina” (GS 42). Adverte tanto contra os que “pensam que podem descuidar dos seus deveres terrenos, sem atenderem a que a própria fé ainda os obriga mais a cumpri-los”, como contra os que “opinam poder entregar-se às ocupações terrenas, como se estas fossem inteiramente alheias à vida religiosa, a qual pensam consistir apenas no cumprimento dos atos de culto e de certos deveres morais” (GS 43). Afirma que “este divórcio entre a fé que professam e o comportamento quotidiano de muitos deve ser contado entre os mais graves erros do nosso tempo”, chegando mesmo ao extremo de afirmar que “o cristão que descuida os seus deveres temporais falta aos seus deveres para com o próximo e até para com o próprio Deus, e põe em risco a sua salvação eterna” (GS 43).

Isso explica e justifica a solicitude da Igreja para com os grandes problemas da sociedade ao longo do tempo, como se pode verificar na Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja, na reflexão teológica e no magistério social, bem como no serviço eclesial aos pobres, marginalizados e sofredores, na defesa do bem comum, da justiça social, dos direitos humanos e do cuidado com a Casa Comum. Particularmente relevante nesse sentido é o desenvolvimento do magistério social da Igreja nas encíclicas e exortações sociais desde o final do século XIX – da *Rerum Novarum*, de Leão XIII, à *Laudato Si'*, à *Fratelli Tutti* e à *Laudate Deum*, de Francisco –, com todos os seus desdobramentos teológicos, pastorais e sociais pelo mundo afora e, de modo especial, na América Latina, com as conferências do episcopado latino-americano – Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida –, com as teologias da libertação e com as pastorais e organismos sociais da Igreja. Ao mesmo tempo que recolhem e sistematizam a reflexão

eclesial desenvolvida ao longo do tempo, esses documentos reafirmam e atualizam, em fidelidade criativa, a dimensão social da fé e da missão evangelizadora da Igreja em contextos históricos bem concretos.

Esta obra *Promoção do humano e Doutrina Social da Igreja*, organizada por Ronaldo Zacharias e Rosana Manzini, concretiza, no atual contexto histórico, essa solicitude social da Igreja: 1) aborda dramas e desafios de nosso tempo, como fome e miséria, pobreza e desigualdade, crise e ataques à democracia, corrupção etc.; 2) ajuda a perceber a dimensão espiritual/teológica desses problemas e desafios, explicitando seu caráter pecaminoso e/ou gracioso; 3) exercita e incita a comunidade eclesial ao discernimento sinodal dessas realidades a partir da “opção preferencial pelos pobres” como critério ético-escatológico do compromisso social da Igreja; 4) provoca, convoca e exorta as comunidades cristãs, em diálogo e em cooperação ecumênica, inter-religiosa e social, a assumirem criativa e profeticamente a dimensão social da fé e da missão evangelizadora da Igreja: cuidando das fragilidades, humanizando as relações, cultivando e promovendo uma cultura da solidariedade em todos os níveis e âmbitos da sociedade, defendendo os direitos humanos e a democracia, promovendo a justiça social e o cuidado da Casa Comum.

Certamente, as reflexões desenvolvidas nesta obra não esgotam os problemas e desafios de nosso tempo, nem a análise e o discernimento dos temas abordados, nem os caminhos de enfrentamento e superação desses desafios. Não são uma reflexão acabada e fechada a ser assimilada e repetida. São, antes, uma provocação à reflexão e ao discernimento eclesial, em perspectiva e dinamismo sinodais – diz respeito a toda a Igreja – e missionários – em vista da missão. São, em última instância, uma convocação e exortação a assumirmos com seriedade a dimensão social da fé e da missão evangelizadora da Igreja. Não aconteça que, ocupados com coisas

aparentemente mais religiosas e mais espirituais, passemos à margem do Senhor caído à beira do caminho (Lc 10,25-37), identificado com os pobres e marginalizados deste mundo (Mt 25,31-46).

Limoeiro do Norte-CE, 24 de julho de 2025

Martírio do padre Ezequiel Ramin

SINODALIDADE E DISCERNIMENTO SOCIAL DA IGREJA

Emilce Cuda
Aníbal Torres¹

Quando falamos de sinodalidade, isto é, de caminhar juntos e participar, muitas vezes esquecemos que ela tem uma dimensão voltada para fora da Igreja. Como entender isso? O *Documento Preparatório* do Sínodo assim a define:

A segunda perspectiva [da sinodalidade] tem em consideração o modo como o povo de Deus caminha em conjunto com toda a família humana. Assim, o olhar contemplará o estado das relações, do diálogo e das eventuais iniciativas comuns com os crentes de outras religiões, com as pessoas afastadas da fé e igualmente com ambientes e grupos sociais específicos, com as respectivas instituições (mundo da política, da cultura, da economia, das finanças, do trabalho, dos sindicatos e associações empresariais, das organizações não governamentais e da sociedade civil, de movimentos populares, de minorias de vários tipos, de pobres e excluídos etc.).²

¹ Emilce Cuda é doutora em Teologia (Pontifícia Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, Argentina), secretária da Pontifícia Comissão para a América Latina (Santa Sé, Vaticano) e membro da Pontifícia Academia das Ciências Sociais e da Pontifícia Academia Para a Vida (Santa Sé, Vaticano); Aníbal German Torres é doutor em Ciências Políticas (Universidad Nacional de San Martín, San Martín, Argentina) e assistente externo da Pontifícia Comissão para a América Latina. Tradução do espanhol: Tarcísio dos Santos, sdb.

² SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. *Para uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão. Documento Preparatório* (2021), n. 29, p. 13. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Sinodo-2023-Documento-Preparatorio.pdf>. Acesso em: 24/7/2025. Daqui em diante = *Documento Preparatório*.

O mesmo documento refere-se vigorosamente ao que significa a sinodalidade, não só para a Igreja, mas para todo o mundo, carente de iniciativas que congreguem toda a humanidade. Por isso, afirma,

a escolha de “caminhar juntos” constitui um sinal profético para uma família humana que tem necessidade de um projeto comum, apto a perseguir o bem de todos. Uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade, em fidelidade ao que anuncia, poderá colocar-se ao lado dos pobres e dos últimos, emprestando-lhes a própria voz.³

Em consonância com isso, temos a afirmação contida no *Vademecum*, que afirma inequivocamente: “De fato, a sinodalidade não é tanto um acontecimento ou um *slogan*, mas um estilo e uma forma de ser pela qual a Igreja vive a sua missão no mundo”.⁴

Seguindo esses textos, podemos constatar que essa missão compreende essencialmente dois níveis: o diálogo com a sociedade e o diálogo ecumênico e inter-religioso. Portanto, devemos evitar “a tentação de um olhar que não ultrapassa os limites visíveis da Igreja. Dando expressão ao Evangelho nas nossas vidas, as leigas e os leigos atuam como fermento no mundo em que vivemos e trabalhamos. Um Processo Sinodal é um tempo de diálogo com pessoas do mundo da economia e da ciência, da política e da cultura, das artes e do desporto, dos meios de comunicação e das iniciativas sociais. Será um tempo para refletir sobre a ecologia e a paz, sobre

³ Documento Preparatório, n. 9, p. 5.

⁴ SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. *Vademecum* para o Sínodo sobre a Sinodalidade (2021), n. 1.3, p. 7. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/PT-Vademecum.pdf>. Acesso em: 24/7/2025. Daqui em diante = *Vademecum*.

várias questões da vida e sobre as migrações. É preciso ter horizontes bem alargados com o objetivo de cumprirmos a nossa missão no mundo. O Processo Sinodal é também uma oportunidade para aprofundar o caminho ecumênico com as outras confissões cristãs, bem como o nosso diálogo com outras tradições de fé”.⁵

É claro que, ao mesmo tempo que enfatiza o papel dos leigos, as religiosas e os religiosos também devem sentir-se “companheiros de viagem” da humanidade e entrar em diálogo com ela. Todos devemos ter presente o poema de Mario Benedetti transformado em canção: “Eu te amo porque tuas mãos trabalham pela justiça” e “na rua, lado a lado, somos muito mais que dois”, uma expressão que o *Vademecum* parece assumir quando afirma: “Na Igreja e na sociedade, estamos *lado a lado* na mesma estrada”.⁶

O próprio papa Francisco nos encorajou a não negligenciar essa perspectiva quando, na véspera da abertura do Sínodo, afirmou que “o Sínodo é um percurso de efetivo discernimento espiritual, que não empreendemos para dar uma bela imagem de nós mesmos, mas a fim de colaborar melhor para a obra de Deus na história”.⁷ Nesse nível, o discernimento a que nos referimos é mais social do que comunitário ou pessoal (embora compartilhe com estes o caráter espiritual). Como ensinou o jesuíta Juan Carlos Scannone, tal discernimento faz parte do núcleo da ética social do papa, que por sua vez chama a atenção para o fato de que, neste processo sinodal, “temos a oportunidade de nos tornarmos uma *Igreja da proximidade*. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo

⁵ *Vademecum* 2.4, n. 5, p. 16.

⁶ *Id.*, 5.3, n. 1, p. 29.

⁷ FRANCISCO, Papa. Momento de reflexão para o início do percurso sinodal (09/10/2021). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 24/7/2025.